

CINE-JORNAL

ANO I — N.º 7 — 2 DE DEZEMBRO DE 1935

DIRECTOR: FERNANDO FRAGOSO

16 PÁGINAS — PREÇO 1\$00



2/XII/1935



SIMONE SIMON
da
FOX

24 de Dezembro: UM SENSACIONAL NÚMERO DO NATAL

Variações sôbre o cinema colorido

MUITO se tem dito e muito se tem escrito, últimamente, nas gazetas de todo o mundo, sôbre o cinema colorido. Experiências últimamente lentadas, a realização do primeiro grande filme a cores — Becky Sharp — e a estreia, em Portugal, da Cucaracha, vêm dar inegável oportunidade às breves considerações que queremos bordar sôbre o assunto.

* * *

O cinema começou por apreender o movimento. Na sua gênese, pode dizer-se, foi apenas fotografia animada. Depois, não se pensou noutra coisa que não fosse em aperfeiçoar ao máximo a nova maravilha. Estudaram-se as máximas de captar e reproduzir imagens, afinaram-se as emulsões, graduaram-se os diafragmas — e tivemos o cinema com fotografia impecável, feito por operadores para quem a técnica não tinha segredos.

Alguns, não contentes com captar o movimento, quiseram decompô-lo. Nasceu, assim, o retardador, de excepcional importância sob aspectos vários, mórmente o cultural e didáctico. A primeira etapa da Sétima Arte foi desta forma vencida.

* * *

Mais tarde, atingido aquele índice de perfeição julgado ideal, os meniores da indústria lançaram-se em busca do som. Era necessário vivificar um espectáculo que nada mais podia oferecer de novo, nas suas características exteriores. E o sonoro, na noite 7 de Agosto de 1926, sollou os seus primeiros vagidos com D. Juan, ante uma plateia restrita, assombrada com as novas perspectivas que a experiência abria.

Deficiente, a principio, sob todos os aspectos, hesitante, repudiado por muitos, condenado por outros, a nova modalidade, triunfante, avassalou o mundo! E hoje temos os filmes salados e musicados, projectados por maquinarias preciosas, que, transformando a luz em som, reproduzem as mais belas melodias, os diálogos de amor, as partituras de grandes orquestras, com uma fidelidade absoluta.

Como a imagem, o som foi medido nas talas de fôlha, incluído no filme, numa pequena margem, a custo per-

ceptível — sem perder a sua beleza emocional e melódica.

O cinema continuava a ser — a Arte que assombra!

* * *

Obtido o som, Chaplin declarou: «Falta-nos fazer a «mise-au-point» da cor. Conquistada esta — resta-nos levar para a tela o relevo e (quem sabe?) os vários odores dos ambientes em que a acção se desenrolar.»

Temos a cor já! Não resta dúvida! A experiência da Cucaracha, confirmada brilhantemente, dizem os técnicos, com Becky Sharp, demonstra que se chegou já a uma grau de perfeição, verdadeiramente notável!

Mas estamos longe ainda do dia, por certo, em que a possamos transportar para a tela, com facilidade idêntica à da imagem a preto e branco.

O novo sistema, susceptível ainda de muitos aperfeiçoamentos, só se pode utilizar em campo restrito. Fotografar uma paisagem é, por ora, quasi impossível. O technicolor-tricoom não é sensível a todas as tonalidades. Em resumo: há que combinar as cores, para que as imagens resultem bem na tela. Há que dar-lhes fundos especiais — para que se destaquem, se não confundam, se não «empastelem»!

Mas mais, ainda: o custo dum filme colorido, na hora actual, atinge cifras incomportáveis. Só, como excepção, se pode lentar. As cópias, as próprias cópias, custam cinco e seis vezes mais caras do que as do filme a preto e branco. Se amanhã Hollywood adoptar, em definitivo, o filme colorido — a indústria teria que ir buscar aos cinemas o agravamento de encargos, que o facto acarretaria.

E o encarecimento do espectáculo cinerográfico poderia ser a sua ruína.

* * *

A Cucaracha vem provar, entre outras coisas, o seguinte: O cinema renova-se, constantemente! Busca, dia a dia, novos encantos! É um dos segredos do seu êxito!

Temos a imagem e o som. A cor vem a caminho. Resta agora industrializá-la, isto é — embaratecê-la.

E tudo nos leva a crer que tenhamos, em breve, o cinema em relevo e até o odorífero, de que nos fala Charlol...

FERNANDO FRAGOSO

Charlie Chaplin e o dictafone

Wallace Beery revelou, há pouco, numa entrevista, alguns pormenores inéditos da vida de Charlie Chaplin, seu amigo íntimo:

«Charlie, declarou, tem sempre à cabeceira da cama, um «dictafone». A noite, quando acorda, com uma ideia que se lhe afigura aproveitável, confia algumas frases ao aparelho e adormece de novo. No dia seguinte, o secretário toma nota das palavras proferidas e Charlie aprecia-as, então conforme deve ser.

No entanto, este método de trabalho tem seus inconvenientes. Porque muitas vezes, no dia seguinte Charlie se não recorda da ligação que têm as frases em questão com a ideia que teve em mente...

C. T. 1 A. N.

As emissões da Secção Cinematográfica da Rádio Sonora (C. T. 1 A. N.) effectuam-se às quartas-feiras, pelas 22 horas.

A secção que é dirigida pelo sr. António Feio, e que tem, como colaboradores, a sr.^a D. Fernanda Barroso e o sr. Silvestre Silva, dá noticiário fornecido pelo «Cine-Jornal», além do seu programa habitual, sempre variado.

A madrinha da secção é Dina Teresa.



Greta Garbo



Jean Crawford



Oliver Hardy



Wallace Beery

Caricaturas de Sofero — Exclusivo para «Cine-Jornal»



Ann Loring, mascarada de «cow-boy»

Sirley Temple e o seu francês...

Shirley, como todas as americanzinhas que se prezam, está tratando de aprender a falar francês. Começou há cerca de seis meses e, logo que soube que Simone Simon ia ser sua vizinha de camarim, nos estúdios da Fox, tratou de a ir cumprimentar, dar-lhe as boas vindas e pôr à prova os seus conhecimentos da lingua de Molière.

Fêz várias perguntas a Simone, que a escutou enlevada, mas, que para perceber o que ela pretendia dizer, pediu-lhe que repetisse em inglês as várias frases, com a promessa de responder em francês...

Shirley ficou ataralhadíssima, sem perceber patavina do que a linda intérprete do «Lago do Amor» lhe dizia.

Aflito, desorientada, a estrelinha dos caracóis loiros interrogou-a, desconfiada:

— Diga-me, miss Simone! Tem a certeza de que falamos a mesma espécie de francês?

UM NOVO FILME DOS IRMÃOS MARX

Acaba de se estrear em Hollywood, o novo filme dos Irmãos Marx. Uma noite na ópera, o primeiro que os populares cómicos interpretam para a Metro. Entusiasmamente recebido pelo público, o filme tem graça às carradas, e uma série de «gags» que o impõem como uma autêntica «réussite» no género musical-jocoso.

O correspondente de Pour Vous na Cidade do Filme, afirma: «estamos em presença dum dos grandes filmes de todos os tempos — não resta dúvida!»

«MAZURKA», DE WILLY FORST

Mazurka, o novo filme de Willy Forst — o autor da Sinfonia Incompleta e de A Mascarada — acaba de ser estreado em Berlim, no Capitol, e no decurso duma festa de beneficência, a que assistiram todas as notabilidades do Reich.

Willy Forst confirma, brilhantemente, nesta obra, o seu talento de cineasta — e a Im-



Jackie Cooper, em o «Filho do Circo»

NOTÍCIAS DE TODA A PARTE...

prensa alemã, com o seu nacionalismo exacerbado, não hesita em considerá-lo «o maior realizador do mundo!»

Pola Negri, a protagonista, que brilhou no *Hotel Imperial*, no *Poder da Paz* e noutros filmes de êxito; no tempo do mudo, volta a conquistar as multidões com a sua arte incomparável.

A grande revelação do filme é, porém, Ingeborg Teck, uma rapariga de dezasseis anos, que Forst descobriu, e à qual a crítica augura a mais prometedora carreira.

Uma época brilhantíssima

Poucas vezes Lisboa terá tido uma época tão brilhante, como a que agora se inicia e que se afirmou já com uma série de produções verdadeiramente notáveis.

Comparem os filmes vistos até agora, com os do mesmo período do ano transacto, e verão em que percentagem os filmes de classe figuram, a mais, no presente temporada.

Em pouco mais de mês e meio Lisboa viu já: «O Vêu das Ilusões», «Águias de Aço», «Resurreições», «Mascaradas», «O Inimigo Público n.º 1», «Lanceiros da Índia», «Baboonas» e o «Cruzeiro Amarelo», «Joana d'Arc», «Não se faia noutra coisa», «Voando para o Rio de Janeiro», «Os Noivos de Mary», etc.

A época, não resta dúvida, não podia começar mais auspiciosamente e tudo leva a crer que assim continuará, dada a lista de filmes a exhibir...

Os cinefilos portugueses — não resta dúvida — estão de parabéns!

Os filmes da semana

Indicações para o exhibidor e para o público

Não le conheço mas amo-te. — É uma comédia desprezenciosa e simples, que nos conta a história dum rapaz que para se fazer amar, pelo objecto dos seus sonhos, se apresenta, em casa dela, como criado. A aneddotica, convencional, mas integrada no ambiente destes filmes risonhos, é pretexto para ouvirmos bonitas canções, que Magda Schneider interpreta com a sua graciosidade proverbial. A seu lado, o correctissimo galã Willy Forst. (Exclusivo da Sonoro-Filme. Estreado no Tivoli).

● **Mistério do X. 94** — Tom Mix em série. 15 episódios. 30 partes. Um grande êxito popular, que corresponde em absoluto à expectativa dos seus inúmeros admiradores. Acção, movimento, dentro dos moldes clássicos das fitas neste género, recheadas de inverosimilhonça, é certo, mas sempre empolgantes para as plateias que as apreciam. (Exclusivo Sonoro-Filme. Estreado no Olympia).

Os Noivos de Mary — Um filme de Van Dyke, dos melhores que tem realizado. Uma comédia modelar, com um

diálogo cintilante, um movimento prodigioso e graças às carradas. Um trio célebre: Clark Gable, Joan Crawford e Roberto Montgomery, que representam à maravilha. Outros artistas conhecidos: Charles Butherworth, Frances Drake, Rosalind Russel e Billie Burke fazem dêste filme um tratado vivo da arte de bem representar. Não percam *Os Noivos de Mary*, porque perderiam um dos melhores filmes do ano. (Ex-treado no São Luiz).

Joana d'Arc — Um filme grandioso, duma envergadura magnífica, admiravelmente realizado. A tragédia da Donzela de Orléans, uma iluminada incompreendida. Interpretação perfeita da Idade Média, e da mentalidade que imperava e tornou possível o sacrifício da «Pucelle de France». Uma criação magnífica de Angela Salloker, que, apesar de tudo, nos não faz esquecer a de Falconetti, no filme de Dreyer. (Exclusivo de Raúl Lopes Freire. Estreado no Central Cinema).

A Ultima Valsa — Um argumento feliz, celebrizado já no tempo do mundo. Ambiente de opereta, encenação luxuosa e actuação correcta de Ivan Petrovitch e de Camila Horn, a inesquecível intérprete do *Fausto*, que tão arredada tem andado das nossas telas. (Exclusivo J. Castelo Lopes L.º. Exhibido no Cinema Condes)

La Cucaracha — Uma autêntica maravilha do cinema a cores! Duas partes, apenas, que lamentamos não ver eternizadas. A última palavra do technicolor-tricromico nas nossas telas. Um filme adorável, que demonstra as possibilidades da cor aplicada ao cinema, sob o ponto de vista da tonalidade. Uma actuação curiosa de Steffi Dunne, um prodígio de «sex-appeal». (Exclusivo Aliança-Filmes. Estreada nos cinemas Palácio e Odeon).

O Bandleiro do Amor — Um filme de ambiente romântico, com Richard Dix e Irene Dunne. Uma história convencional, agradável de seguir-se e com bonitos trechos musicais. Romance e aventura. Realização correcta de William Wellman. (Exclusivo Aliança-Filmes. Estreado no Palácio e Odeon).



Eleanor Powell ou as dificuldades da escolha...

Os filmes que deram mais dinheiro na América

Na resenha que publicámos, no número transacto, sob esta epígrafe, não dissémos, por lapso, que as cifras apontadas se referem apenas a uma semana de exhibição.

Isto é: demos nota dos filmes que, nas diversas cidades americanas, tinham feito, a partir de Janeiro, mais dinheiro numa semana de exhibição.

As cifras apontadas são rigorosas e extraídas da mais importante revista corporativa americana.

KATE DE NAGY, NA «POMPADOUR»

Kate de Nagy encarna no filme *A Pompadour*, a figura célebre da favorita — tantas vezes evocada na tela.

Este filme que marca a estreia de Schmidt-Gentner, como realizador, alcançou um êxito lisonjeiro quando da sua primeira apresentação.

Na noite da estreia. Kate foi chamada ao palco, por uma sala plena dum público, entusiasta e delirante.

Um grande filme alemão

No Ufa-Palace de Berlim, foi finalmente apresentado *Um homem de pulso*, um filme que vinha sendo esperado com a maior ansiedade. A imprensa classifica-o de obra-prima e atribui-lhe categoria idêntica à de *Raparigas de Uniforme*, de Læontine Sagan.

O argumento é de Thea von Harbon, ex-mulher de Fritz Lang; a realização de Rudolf van der Noss; os principais intérpretes: Paul Wegener, Johannes Riemman e Rose Stradner.

Um novo filme de Marlene

Sob a direcção de Frank Borzage, o realizador de *Hora Suprema*, Marlene Dietrich está interpretando *Desejo*, com Gary Cooper, seu «leading-man» neste filme.

Concluídas as filmagens, Marlene começará a filmar imediatamente *O Colar*, ao lado de Charles Boyer.

«A arte do Ski»

O Ski-Clube de Genève (Suíça), realizou *A Arte do Ski*, filme considerado, em todo o mundo, como a mais espantosa «réussite» no seu género.

A técnica dos saltos é nele desenvolvida e explicada, de forma flagrante.

Um filme cultural

O grupo produtor do Dr. Nicholas Kaufmann da «Ufa» concluiu mais um filme cultural sobre paisagens da Alemanha.

Ao largo da costa de Schleswig-Holstein, há um pequeno arquipélago de ilhéus, denominado «Die Halligen». Terminados os gigantescos trabalhos de aterramento, que estão sendo realizados no braço de mar, essas ilhas ficarão ligadas ao continente. Havia interesse em fixar no filme as características dessas ilhas, derivadas do clima, das condições do solo e dos hábitos da população. Esta, em luta constante com as tormentas do Mar do Norte, é constituída por perseverantes frisoês, que vivem nas ilhas uma existência rude, mas cheia de liberdade. Sob a direcção de Gösta Nordhaus, fizeram os operadores Stanke e Gottschalk, sobre um argumento do Dr. Hans Lebede, um documentário da vida desses bravos e das lutas dramáticas que se vêem obrigados a sustentar com os elementos da natureza.

O filme intitula-se «*Sturm über Hallig*» (Tempestade em Hallig).

FIGURAS DA TELA



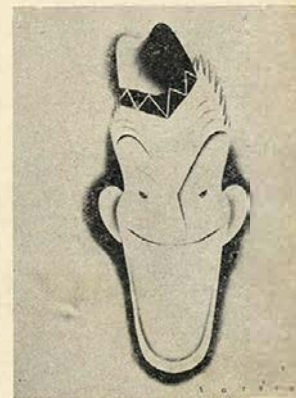
Jean Harlow



Myrna Loy



Clark Gable



Stan Laurel

Caricaturas de Sotero — Exclusivo para «Cine-Jornal»

Crónica da Semana

Dois processos, duas escolas, duas interpretações totalmente diferentes.

Mas, sem desfazer na Salkoker, não nos esqueceremos nunca da expressão da Folconetti na cena da comunhão. Foi um daqueles momentos em que se alguém nos dissesse que o cinema não é uma arte, não sabemos se leríamos força para denominar a vontade de convencer o antagonista, desancando-o.

Foi uma figura que não tornou a aparecer nas nossas telas, nem nos jornais estrangeiros a ela vimos qualquer referência, esta tão nobre artista Folconetti. Coitada, naturalmente não tinha «sex-appeal».

ANTÓNIO DE CARVALHO NUNES

Um aniversário

FEZ ontem — 1 de Dezembro — onze anos que, com grande entusiasmo da legião cinéfila de então, se fundou, nesta cidade, a Associação dos Amigos do Cinema, agremiação que se destinava à propagação da arte cinematográfica e que chegou a contar com um número avultado de associados.

A sua acção benéfica, patriótica, altamente simpática, fez-se sentir durante alguns anos, através de várias e curiosas iniciativas, algumas das quais interessaram profundamente a população portuense dos cinemas. Se a sua existência não prosseguiu, como tudo in-

Carta do Porto

Central estava mesmo a cathar para uma sala de «vanguarda», se essa vanguarda não fôsse constituída, entre nós, por uma pequena patrulha que certamente não chegaria a ocupar quatro filas de cadeiras.

Uma produção como a «Joana d'Arc», da Ufa, requiere um ambiente assim, com público restricto, atento e silencioso, onde os compadres de revista desempregados não encontrem eco para a chalupa pesada.

Filme histórico, não precisa de cenas cómicas «para aligeirar o entrecos», não foi realizado, enfim, com a preocupação fixa de agradar a lódas as médias, mesmo as negativas... Prevenção ao senhor que vai ao cinema, para que este lhe ajude a digestão do jantar...

A natural séde de saber ou a mais simples curiosidade levariam a desejar que a «Joana d'Arc» fôsse reprodução textual do facto histórico, a reconstrução formalmente verídica dum trecho do passado — mas não era nisso que estaria o valor artístico da obra.

A interpretação feita pelos germanos de uma Santa Iuliua é que trasmuda o documentário em obra de arte.

É sob esse ponto de vista que o trabalho de Angela Salkoker, na Campouosa predestinada, nos causa maior admiração.

● drama de Joana d'Arc é muito semelhante ao de todos os incompreendidos, aos que remam contra a maré — e fazem mais tarde desviar o curso às correntes...

A passagem da iluminada de Deus, por entre os homens, lembra uma porcelana rara nas mãos duma criança.

● amparo espiritual que ela encontra para os comelimentos guerreiros que a cobrem de glória, é a própria razão de ser da sua paixão e morte.

A enviada de Deus conquista cidades e vence exércitos, mas não consegue nem conquistar os corações puerilizados, nem vencer as paixões humanas.

Este conflito é esplêndidamente desenvolvido no filme a que nos estamos referindo.

A incredulidade do homem perante o mistério da guardadora de patos que coroa Carlos VII em Reims, está muito bem traduzida no soldado que, ao dar a Joana a cruz tósca, que esta lhe pede já sobre o estrado onde se vai cometer o atentado sacrilego, lhe diz: — se vais para o céu, lembra-te de mim; mas se fores para o inferno faz por me esqueceres!

Do egoísmo, o defeito por excelência do homem, dá-nos o filme uma sinfonia completa.

Gustav Ucicky tem na sua «Joana d'Arc» um trabalho sumamente valioso, que faz ressaltar a inteligência e a probidade do autor.

Não podemos comparar esta «Joana d'Arc» com aquela que Carl Dreyer nos deu no bom tempo do mudo...



Claire Trevor

Leitão de Bárros!

quando se filma a «Rapsódia Portuguesa»!?!

HA cerca de dois anos — há dois anos rápidos, cinematográficos — estudou-se, muito a sério e pormenorizadamente, a possibilidade de realização dum filme-turístico, dum filme-excursão, intitulado «Rapsódia Portuguesa».

As negociações foram cuidadosamente feitas, os orçamentos criteriosamente calculados, estudaram-se prós e contras, telefonou-se para Paris, discutiu-se a metragem da película, citaram-se nomes e... CHEGOU-SE A FILMAR.

Não se admirem com esta novidade, pois sou sabedor de várias outras de igual interesse.

Até hoje ainda não as quis divulgar a-pesar-da minha caneta de tinta — a minha caixa de segredos — várias vezes me ter tentado a torná-las conhecidas do grande público. Mas calculem que numa sofreguidão louca, incaleculavelmente superior à minha assustadora tendência para rabiscar novidades, tenho-me conservado mudo e, heroicamente, resisti a todos os impulsos

déstes nervos destrambelhados pelas comogões fortes duma vida com facetas de jornalista... Lá diz o ditado que água mole em pedra dura... e assim, tantas e tantas vezes essas novidades-antigas me têm tentado, que hoje — num momento de fraqueza indesculpável — impensadamente peguei na caneta e cá vou a rabiscar esse meu tesouro-inédito cujo inéditismo era o único tesouro.

Vamos começar

Lembram-se da conferência de António Ferro na Casa de Portugal em Paris? Pois foi, em parte, devido a essa original conferência — aqui e além interrompida pela voz-gargalhada de Fernanda de Castro — que se deve a ideia do filme.

A paisagem, os costumes e os tipos característicos do S. W. da Europa — como diz o sempre novo Almada Negreiros — seriam apresentados de pre-

(Conclui na pag. 14)

dicava, — sobretudo, porque de ano para ano tem aumentado o número de cinéfilos e, conseqüentemente, maior campo de acção ia adquirindo esta eclectividade — foi, apenas, porque os seus iniciadores, cansados pelo trabalho consecutivo de vários anos, ao serem substituídos para o acessório e lógico roulement, não tiveram sucessores que estivessem absoluta e honestamente integrados no levantado e generoso espirito, que gerou e animou este útil empreendimento.

No entanto, agora, que a sétima arte tem mais admiradores e, possivelmente, mais fervorosos; agora, que o cinema interessa, em absoluto, lódas as camadas sociais, incluindo as mais cultas; que o número de cinéfilos é, consideravelmente, mais elevado — fazendo a história da vida curta, mas, intensa, da Associação dos Amigos do Cinema, pretendemos apontar, à nova pleiade dos amadores da arte, um exemplo digno de ser seguido e com um programa mais vasto.

São maiores e mais proveitosas as vantagens da hora que passa, é mais propício o ambiente na actualidade e mais largo o horizonte, a esfera de acção, daqueles que pretendem e souberem organizar, numa cruzada moderna, prática e criteriosa, a geração cinéfila contemporânea.

Um programa animador

O programa mínimo de realizações da Associação dos Amigos do Cinema, que foi tornado um facto, unicamente pelo esforço dedicado dos seus associados que, sem um desfalecimento, devotadamente se entregavam a prestigiar e a elevar a sua agremiação, constituiu um mundo incomensurável de trabalho.

Assim, na sede desta associação realizavam-se sessões de cinema, privadas dos associados, quasi lódas as semanas.

Uma vez por mês, tinha lugar uma conferência cultural, cujos temas — o cinema nos seus variados aspectos — foram tratados, por vezes, brilhantemente, por nomes distintos do jornalismo, da critica, da literatura e da arte.

Todos os anos, era organizado um concurso para classificar os três melhores filmes exibidos nos cinemas do Porto, durante determinado mês. Este certame, interessando profundamente não só os exibidores como todo o público, tinha a vantagem de dar aos cinéfilos um mês pleno de boas produções. Aos cinemas classificados, por um júri especial, eram entregues objectos de arte e medalhas.

Postuía esta associação uma secção desportiva, com várias modalidades, que organizou um torneio atlético que foi filmado. Essa película, «A vida ao ar livre», que correu todos os cinemas de Portugal, foi realizada apenas por associados.

Fôram várias as sessões de propaganda cinematográfica, realizadas sob variados pretextos, assim como foram prestadas homenagens a vários artistas cinematográficos portugueses.

Postuía esta colectividade um jornal

(Conclui na pag. 14)

Os nossos vergonhosos documentários, conseqüência directa da lei actualmente em vigor, têm sido alvo de mil e um justíssimos ataques.

As razões da sua inferioridade são do conhecimento de todos aqueles que se interessam pela cinematografia.

O público lá vai vendo, aturando e perdoando os cem metros estilo vistas-de-bilhete-postal, pois sabe que a culpa não é completamente do exhibidor, nem do distribuidor, nem mesmo do realizador. Este estado de coisas conserva-se assim, há anos, e assim se conservará por longos tempos, pois nada nos indica que a situação melhore.

Para mais, o género *documentário* é difícil e muito principalmente quando temos poucos recursos monetários e materiais.

O aparecimento dum documentário bom ou mesmo regular não é um caso esporádico mas sim um acontecimento de relêvo no nosso acanhado meio. Como prova basta lembrarmos-nos que a cada passo falamos da «Nazaré, praia de pescadores», de «Lisboa» e do «Douro, faina fluvial».



Um novo documentário

No próximo mês de Janeiro deve estreiar-se em Lisboa um novo documentário de 1.800 a 2.000 metros.

A Agência Geral das Colónias, a organizadora do «Cruzeiro de Férias» que se realizou há pouco, encarregou o fotógrafo-artista San Paio de filmar um documentário da viagem. Procurei-o no seu «atelier», para saber pormenores. Fui encontrá-lo em plena actividade. Trabalha na montagem do filme.

Antes de qualquer pergunta mexi e remexi; mirei e remirei metros e metros de película. Satisfeita a curiosidade inicial, começámos a conversar o mais naturalmente possível sobre a viagem.

San Paio descreveu algumas peripécias ocorridas a bordo do Moçambique e elogiou a alegria dos 54 excursionistas.

— Filmou logo à partida?

— O documentário abre com a despedida alegre que tivemos ao abandonar Portugal; seguem-se aspectos dos portos, lipos e paisagens de S. Vicente e Praia. Da Guiné, ficamos a conhecer Bissau e Bolama.

Perto de Bissau filmei a azáfama duma senzala. Em S. Tomé também apanhei algumas coisas muito curiosas. Finalmente, em Angola, visitámos vários portos e fomos para o interior numa grande excursão em caminho de ferro.

As características do filme

— Características da película?

— Procurei fazer realmente cinema. As imagens além de passarem rapidamente, são muito variadas. Insisti pouquíssimo nos assuntos. Apresento uma África diferente da que estamos habituados a ver; apresento uma África Civilizada. Escolas, hospitais e outros edifícios públicos, que havia interesses em mostrar não os dou em primeiro plano mas sim como fundo de cenas. Procurei também alternar os assuntos, para o filme não se tornar monótono.

— Falou de algumas cenas curiosas que impressionou em S. Tomé, mas não chegou a descrevê-las?

— Surpreendi um batuque de negros de Moçambique que tinham emigrado para esta ilha, e que resultou completamente. Perto de Bissau, também consegui filmar, como já disse, aspectos muito interessantes do movimento duma senzala. Para isso, foi necessário prevenir, de véspera, o soba, que não deixou sair ninguém, antes da nossa chegada. Em Louda, assistimos ao desfile duma embaixada do século XVIII. O régulo impouente, seguido do seu séquito e das oferendas para os represen-



sobre o filme que realizou, quando do «Cruzeiro de Férias às Colónias», e que será estreado nos primeiros dias do ano que vem



lantes do poder real da metrópole. Tudo isto foi aproveitado criteriosamente.

— A montagem está muito adiantada?

— Tenho a primeira parte pronta e a segunda quasi terminada. Faltam, no entanto, as legendas. São as faço depois de ter concluído a montagem do filme.

— Como resolve a questão do som?

— Vou encarregar o maestro Frederico de Freitas da adaptação musical.

— Em quanto vem a importar este documentário?

— Em 150 contos, incluindo tôdas as despesas.

100 ° cinema . . .

— Gosta de trabalhar neste género de cinema?

— Eu lhe digo. Foi no Brasil que inicii a minha carreira cinematográfica. Filmei bastantes documentários e algumas obras de fundo e cheguei à conclusão de que, uos primeiros, podemos trabalhar mais à vontade, sem abdicar tanto da nossa personalidade. Mas é um género muito difícil. Principalmente nestes documentários-viagens, nunca sabemos com que contamos. É necessário estar-se sempre a postos e possuir muitos conhecimentos e imensa prática para atenuar as condições anormais de luz (por exemplo) em que os acontecimentos se nos deparam.

— Está contente com o filme?

— Absolutamente. Consegue ser diferente e possui cinema nos mais pequenos nadas. É uma obra dinâmica. As imagens sucedem-se rapidamente, como em viagem.

— Diga-me o nome de algumas das películas que realizou no Brasil?

— Fiz uma obra policial intitulada *A quadrilha do Esqueto*; em alta comédia, filmei *O Senhor de Posição*...

— Os actores eram todos brasileiros?

— Entraram alguns amadores da colónia portuguesa do Rio e não artistas de teatro, como provavelmente supunha.

Cinema educativo

— Não faz parte da comissão de cinema educativo?

— Faço.

— Quais são os outros componentes?

— Os drs. Sá de Oliveira, Braga Paixão, Serras da Silva, Pires de Lima, Pereira Dias, Nohre Guedes, Inspector Geral dos Espectáculos...

— O que têm feito até aqui?

— Por enquanto pouco. Ultimamente é que temos reunido amiudadas vezes, para estudarmos os programas a exibir nas escolas.

— Qual a orientação tomada?

— Sou de opinião de que, juntamente com os filmes culturais, devemos dar aos educandos filmes recreativos saudáveis. Mas nem todos pensam assim...

— Essa comissão vai mandar produzir filmes?

— Não. Adquirimos colecções de películas culturais e fazemos empréstimos às escolas. As nossas disponibilidades financeiras não chegam para mais.

Projectos futuros

— Pensa em dedicar-se novamente ao cinema?

— Penso. Tenho já algumas coisas organizadas de maneira a poder filmar, dentro em muito breve, uma outra película, intitulada «Ruídos de Lisboa».

Pedi esclarecimentos e obtive o argumento do filme—que *Cine-Jornal* vai reproduzir algumas páginas no próximo número—e além disso sensacionais considerações sobre o cinema português, os planos e a orientação de Sau Paio e algumas notas sobre uma película que vai realizar no Minho.

TELMO FELGUEIRAS

A PROPOSITO DE



PORQUE não se interessa o público pelos filmes documentais?

Esta pergunta, à primeira vista impertinente, tem, todavia, uma importância tão grande: quanto é difícil arranjar-lhe uma resposta.

Alguém, com pouca vontade de melindrar o público, dizia-me, há dias:

— Para que o documentário agrade é necessário cuidar da sua qualidade, de forma a substituir com vantagem o filme vulgar de cartaz.

Em princípio, discordo desta afirmação, embora ela mereça ser meditada. E discordo, porque aceitá-la seria negar o valor a alguns documentários exibidos entre nós, repletos de qualidades e de interesse.

A minha maneira de ver é diferente. Se, por um lado, os maus documentários criam um ambiente hostil a esta espécie de filmes, por outro, somos forçados a crer que o público tem um fraco poder de selecção. Necessariamente, podemos admitir como corolário, sem receio, que o público não dá valor àquilo que na realidade o tem.

Então, surge uma nova interrogação: — Como justificar esta falta de cultura de certo público, que se revela na maneira infeliz como os bons filmes documentais são acolhidos?

* * *

Se alguém se lembrasse de tomar a sério este problema e de lhe procurar uma solução, se alguém cuidasse de providenciar no sentido de aumentar a cultura da massa geral do público, decerto começaria por onde se deve começar, em casos semelhantes, e, assim, tomaria a iniciativa de pôr em prática um programa proveitoso.

Ouso sugerir, pois reside nêle a finalidade destas considerações:

- a) Palestras e escritos, onde se esclareçam os motivos porque devemos preferir os filmes documentais;
- b) Sessões populares, com programas cuidados, acompanhadas de notas orais explicativas do interesse dos documentários exibidos;
- c) Obrigação de apenas se exibirem documentários e filmes culturais nos estabelecimentos de ensino, chamando-se a atenção dos estudantes para os diferentes aspectos explorados nos filmes.

Resultaria de tudo isto algum proveito? Sem dúvida! Pelo menos resolveríamos, numa parte muito importante, o problema da cultura geral da Nação. Assim como a expansão do livro, a iniciativa de palestras pela T. S. F., a das conferências de interesse cultural e outros sistemas já usados entre nós, contribuem de maneira notável para o aumento dessa cultura, assim também a divul-

E DO



Cruzeiro amarelo

gação, pelo cinema, daria resultados não menos apreciáveis. Além disso, deve-se tomar em linha de conta a indiscutível superioridade da cinematografia, pelo que esta modalidade de expansão tem de eloquente e verdadeiro. Exemplifiquemos: se nas páginas de um livro o autor descrever uma caçada aos elefantes, o leitor pode pressupor exageros. E a descrição, o que não é menos importante, pode ser insuficiente. Mas se lhe mostrarmos a mesma caçada, num documentário onde não haja truques, onde o autor for sempre honesto, o espectador aproveitará mais, porque «viu com os seus próprios olhos». E diz-se: «ver para crer...».

* * *

No «Cruzeiro Amarelo», pósto de parte tudo quanto se refere a propaganda da casa Citroën (e bem pouco é), qualquer pessoa, desejosa de aumentar a sua cultura, encontra muitos elementos valiosos. Vejamos:

Se o espectador deseja fazer ideia, embora vaga, da China revolucionária, e da maneira como as coisas se passam nêsse país em ruínas, basta-lhe reparar na forma como é recebida a expedição no decorrer da sua travessia, por aquelas paragens. Se quiser profundar um pouco mais, as suas danças, templos e teatro, em tantas outras imagens, preciosas e concretas, encontra dados curiosíssimos. Outro tanto, podemos dizer de outros povos. Recorde-se, por exemplo, os do Afeganistão.

Belas, também, as recordações históricas em face de Palmira, com deliciosas siluetas de arquitectura, na frente do «Iraq», na Síria. — fortaleza majestosa a recordar a obra dos Cruzados — sem esquecer a grandza quasi fabulosa das muralhas da China.

Se ao espectador interessa mais o aspecto geográfico, ali tem bem claras, bem elucidativas, muitas imagens a satisfazê-lo.

De resto, para que continuar êstes exemplos, se o filme é todo êle um exemplo formidável? Emille Vuillermoz disse do «Cruzeiro Amarelo»: — «Les images de ces paysages et de ces races entrevues demeureront vivaces dans toutes les mémoires». «L'Action Française» acrescentou, com justiça: «C'est une véritable synthèse ethnique et géographique...»

* * *

Em «Baboon» predomina a riqueza dos motivos inerentes à fauna, sem todavia esmorecer o interesse geográfico. Etnográfica-mente, embora pouco se tenha focado, mesmo essas poucas imagens são primorosas de eloquência. Uma nota passou despercebida a muita gente, constituindo, no entanto, um exemplo frizante da mentalidade do negro: a explicação que um indígena dá, a um seu contemporâneo, da maneira como voa um avião e de como êle o viu chegar e aterrar.

Há trechos de paisagem (como os da savana) por si suficientes para elucidar o mais exigente dos estudiosos. A África é aquilo mesmo. Não se pode exigir maior exactidão.

Como já disse, predominam as imagens de interesse zoológico. Tenho a certeza de que não é possível, em tão pouco tempo, dar uma lição mais perfeita e elucidativa.

* * *

Não terá isto valor? Será fatigante? Pobre da nossa civilização, se a mobilização do exército italiano ou a proclamação do estado de guerra na Etiópia são luzes potentes que ferem a vista e não deixam ver mais além...

A exibição de filmes desta natureza devia ser obrigatória, pelo menos para todos os estudantes, visto não ser possível, de momento, alargar o âmbito dessa iniciativa.

Pretende-se, entre nós, numa louvável iniciativa do Estado, tornar exemplar a educação das gerações novas e das vindouras. Essa educação só será perfeita, desde que se aperfeiçoe e dilate a cultura geral. Se no meu silogismo as premissas estão certas, deve estar certa também a minha conclusão: — «é necessário aproveitar todos os filmes como êstes, e fazer dêles instrumentos de ensino, agentes de cultura, auxiliares da educação».

RAUL FARIA DA FONSECA.

Mona Goya, terminou há pouco, em Berlim, as filmagens de Cavalaria ligeira, um filme de grande espectáculo, que lhe deu que fazer... Com um bom humor invejável, Mona conta-nos o seu trabalho no estúdio — nesta página curiosa que bem merece ser lida!

A' hora brumosa em que os «trainways» de Berlim, ruminantes pacíficos, começaram há pouco a bordejar a crva das platibandas, estendi a mão, às apalpadelas, para o telefone: «Allô! Ya Dame vielmals!» Acabaram de me despertar.

Salto da cama, abro os olhos aos primeiros raios de sol, dum sol novo em folha, retemperado por uma noite bem dormida! Feliz astro! Que inveja! Eu limitei-me a dormir umas escassas quatro horazitas, e isto, por causa das filmagens à noite. Lembrou-me de que ontem, ou, melhor, esta madrugada — há bocadinho quasi — me disseram que o dia de hoje não seria muito extenuante. Delicado de mais para ser... tranqüilizador, este aviso insidioso! Enfim! Ver-se-á.

O lago de Waussee, sob o meu terraço, convida-me a alguns mergulhos rápidos e a uns cem metros (às prestações, claro!) de «crawl». Isto para não perder a forma! Brrr!... Pronto. Fricção, «toilette» ultra-rápida, agulhoada ainda por nova telefonadela reclamando a minha presença imediata. Isto começa bem, para um dia «de pouco trabalho». «Mise-en-marche», seis minutos de 110



Nem tudo são rosas...



Mona Goya

à hora... Saüdação hitleriana dos guardas que protegem os estúdios, e eis-me nas mãos da emaquilleuse, que me dá pequenas bofetadas, com cremes pegajosos... A minha aia, ante um grande armário atafalhado de vestidos, hesita, perplexa, sem saber o que me deve cnfiar, para a câmara iniciar a sua primeira refeição de celuloide...

* * *

Batem à porta. Entram antes de eu dizer o «entre da praxe. Aqui faz-se sempre assim! Está decidida a minha sorte! O chefe de protocolo em «pull-over», ou, melhor, o assistente do realizador, manda-me vestir «para a canção». Porque não há-de ser depois de tudo. As andorinhas cantam ao pôr do sol... Estou no «set»: filma-se, filma-se, filma-se, sem parar. É claro, leva um bocadinho mais de tempo do que a escrever...

Mas tudo correu bem e não me quero deter em pormenores inúteis... E agora Interrogo o «regisseur». «Agora?! Vá-se vestir para aquela cena em que tem que chorar». Depressa! Depressa! clama febrilmente o realizador! «Vamos! Toca a chorar». Pronto! Vou fazer o possível. Invoco a minha sensibilidade. Onde estará ela? Tê-la-ei deixado nalgum lado? Não! Ei-la... Uma lágrima desliza pela minha face... Zás! É uma lâmpada do arco-voltáico que se funde. Temos que recomeçar a cena. Uma lágrima esplêndida, circular, luminosa, recomeçou o seu número de trapésio nos meus cílios. Esplêndido. «Stop! Está ótimo!» Até que enfim!

Uf! Vou descansar. Talvez meia hora ou três quartos de hora. Rapo da minha Parker. Há que tempos que anseio por este instante! Quero escrever uma carta. Sento-me no chão e começo a escrevê-la sobre o joelho.

Nova interrupção... cavalari. O meu assistente, com efeito, entende que é chegado o momento de eu repetir a

cena do volteio. Pronto! Cá estou em cima dum cavalinho branco. Não foi amável, a principio. Pregou comigo em terra, agora lá vamos os dois... Adeus, carta...

E lá vem o ensaio, o momento crítico. De joelhos na garupa. Depois, um joelho só. De pé!

Agora é que vão ser elas. Sinto que vou cair, de cabeça para baixo! Vejo a pista como se fôsse o Céu. Pronto! Estou no chão!...

Nova pausa! Mandam-me vestir para a cena da dança! Qual delas? No filme danço três vezes. É a das czardas, no «cabaret». Logo que me apronto, filma-se... Uma, duas, três vezes, por causa dos «gros-plans», para a montagem...

Eis-me livre dos focos. O mestre de equitação pretende que eu faça alguns exercícios em alta escola... Pronto. O cavalinho bem ensaiado, esboça uns passos engenhosos, mazurkas, etc.

Meus polbres rins. «Isso não é nada! Um bom «douches» quente, uma maçagem — e prontos», dizem os que me pretendem consolar. O professor de dança caça-me — é o termo! Julga absolutamente necessário um ensaio de dança clássica, em pontas, para a cena da Ópera.

* * *

Estou radiante. Oiço dizer que se não filma mais, de tarde. O «regisseur», num requinte de amabilidade, informa-me: «Agora, que já descansou um bom bocadinho, vamos filmar a grande cena de amor. E, como o trabalho rendeu pouco, resolvemos filmar até à meia noite. Peço-lhe o favor de se arranjar depressa, porque queremos ainda, antes de jantar, registar as cenas em que aparece o leãozinho. As do elefante ficam para amanhã, porque não queremos que V. se canse!...

Então!? Ainda querem fazer cinema?!

MONA GOYA

GENTIL, «mignonnes», com os seus cabelos ondedados, tendo como traje, apenas, uma pele de pantera — vino-la correr, descalça pela selva; saltar, de ramo para ramo, nos braços dos macacos; trepar para o dorso dos elefantes; fazer corridas de velocidade com os crocodilos; sofrer o ataque dos rinocerontes e dos leões. Muito embora haja muitos truques em tôdas estas cenas, a verdade é que é preciso ter coragem para aceitar semelhante papel.

Mas Maureen O'Sullivan, quando lhe ofereceram o papel de companheira de Tarzan, não teve remédio senão aceitar.

Tinha pouco mais de cem dólares ao canto da gaveta, e no hotel modesto onde se instalara, «O Jardim de Allah», pagava uma mensalidade que ia além de 250 dólares. Estava disposta, nessa altura, a montar numa bicicleta e ir

tranqüilamente até Nova-York, e pedir às autoridades do seu país que a repatriassem para a Irlanda, que a vira nascer.

A «Tarzannette»

O filme da selva foi um presente dos Deuses. E ofereceram-lhe justamente porque ninguém quis aceitar semelhante papel.

Tarzan, com efeito, era um filme fadigante, longo e perigoso. Aqueles que o iam interpretar estavam convencidos que o seu êxito pessoal seria nulo. Tarzan era uma história muito boa para os garotos de quinze anos. Weissmüller estava longe de ser uma vedeta. Como campeão de nataçãõ, ia ter no filme uma acçãõ apagada. E o da sua parceira devia ser ainda menos importante. Mas havia cenas perigosas, não só pelo facto de actuar com feras, como ainda porque teria que aparecer nua — ou quasi nua.

Maureen era corajosa e elegante de mais, para temer umas e outras.

Tarzan foi um êxito e trouxe-lhe como consequência um contrato precioso. Mas os produtores teimavam em ver uela apenas a «companheira de Tarzan» e Maureen parecia, de facto, longe do mundo, a exilada voluntária da selva...

Hollywood comove-se...

Alguns anos antes, Maureen viera para Hollywood, contratada por Franck Borzage, para filmar *Song of my heart*. Tinha então 18 anos, uns olhos azues clarísimos, e uma carita de garota, verdadeiramente deliciosa. Instalou-se,

M
Maureen



O'Sullivan

na sua opinião. Tinha pena de não ter nascido rapaz, para correr o mundo, em busca de aventuras. Aos quinze anos, pensava que a «profissão» dos piratas era a melhor e a mais agradável d'êste mundo.

Maureen provoca escândalo

E, assim, fôra para Hollywood, para viver a vida, tal como a encarava, tal como a concebia...

E teve, então, muitas aventuras... sobretudo sentimentais.

O seu maior prazer era iludir os homens, que, vendo-a tão frágil e tão só, a julgavam, por êles, apaixonadíssima! Que ingénios!... E êles calam, como patos, cercando-a de carinhos protectores, de disvelos e atenções...

Após algumas aventuras neste género, Maureen adquiriu certa experiência — e péssima reputação. Os seus filmes não obtiveram nenhum êxito. O contrato com a Fox expirou — e não foi renovado. Maureen não perdeu a coragem. Confiava na sua boa estrêla. Esperava uma oportunidade. E ela não se fêz tardar — *Tarzan!*

«Dona Juana» faz das suas...

O mais assíduo dos seus companheiros, nessa altura, era Johnnie Farrow. Era um rapaz alto, loiro como o trigo

só, num hotel. E Hollywood inteira impressionou-se. Tão nova, tão só, numa cidade tão cheia de tentações! E choveram conselhos, indicações, sôbre a pequena irlandesa.

Ora Maureen demandara a Califórnia não por amor do cinema, mas para satisfazer o seu gôsto de aventuras. Descendia duma das melhores famílias da Irlanda e estava destinada àquela vida burguesa e fácil, até encontrar um noivo rico, que lhe proporcionaria, por certo, uma existência feliz, cheia de atractivos, claro, mas monótona em demasia,



gar-se na realização dum grande filme *As virgens de Wimpole Street*. Preparavam um «cast» colossal. Estavam designados já: Norma Shearer, Friedrich March e Charles Laughon! Que trindade! Como Maureen estava sob contrato, e como não sabiam o que lhe haviam de dar para fazer, confiaram-lhe um papel secundário: o de Henrietta, a irmã mais nova de Norma Shearer.

E tal papel revelou Maureen O'Sullivan. Foi o seu primeiro grande êxito pessoal.

Mais um capricho

A Imprensa falou. Maureen recebeu cartas de admiradores longínquos. E começaram a estudar novos filmes para ela...

Sem parecer ligar grande importância ao caso, declarou que queria ir para a Irlanda, para se casar com John Farrow, claro está...

Mas os produtores de Hollywood protestaram:

— Se se quiser casar, meta-se num avião e vá até Yuma ou a Las Vegas, como fazem as outras. Se quer ver seus pais, mande-os vir. Mas não tem o direito de desprezar uma oportunidade destas...

Tranquila e obstinada, Maureen declarou que se queria casar na grande catedral de Dublin e tornar a ver as verdes pradarias de Erin...

E partiu. Voltou, meses mais tarde, sorridente, frágil e gracil, como partira. E, nas declarações que fez aos jornalistas, preferiu diplomáticamente não se referir aos motivos que a levaram a não se casar com John Farrow.

Hollywood, a monótona

Está em Hollywood há cinco anos... E, no entanto, parece-lhe que chegou



ERA UMA VEZ UMA MENINA...

e belo como um Deus Australiano, escrevia argumentos, e, nas horas vagas, poetava. Diziam-no noivo de Lila Lee, e outras também. A sua reputação de conquistador dava-lhe maior prestígio. Todas as mulheres morriam de amores por ele, que se comprazia, depois, em torturá-las, esquecendo-as.

Maureen não se intimidou. Ela também era de força...

Um belo dia, Johnnie foi forçado a deixar Hollywood. Uma complicação com os Serviços de Emigração, papelada fora de ordem, situação por legalizar, obrigaram-no a deixar o país. Esta separação pôs ponto final no seu romance de amor.

Maureen, entretanto, fez-se noiva de James Dunn, irlandês como ela, e também um D. Juan... com carreira. Citavam-se entre as mais recentes vítimas: Jessie Le Sueur (cunhada de Joan Crawford), Molly O'Day, June Knight e Joan March. Maureen, durante muito tempo, foi a favorita...

Um belo dia Johnnie voltou à Cidade do Filme. Conseguira esclarecer todas as dúvidas. E Maureen «despediu» James, para se tornar noiva oficial do belo australiano.

Até ontem, não havia notícias do contrário.

Da selva a Wimpole Street...

Maureen parecia destinada a interpretar toda a vida papéis estilo-Tarzan. Os produtores consideravam as suas possibilidades, como as de Weissmuller, muito limitadas.

Mas, entretanto, a Metro resolveu tan-

há poucos dias... O tempo corre tão depressa... E a mocidade foge... Tem quasi vinte e quatro anos... Quere interpretar mais filmes, para se desforrar dos anos de inatividade, após o *Tarzan*... Não pensa ficar em Hollywood! Acha-a feia! Ruas estreitas, com farmácias e bombas de gasolina, de passo a passo; marchantes de gado e de cinema... Praias iguais, a seguir, durante quilómetros e quilómetros... Tem saudades da Irlanda, das suas aldeias, dos seus prados verdejantes... Hoje, de vez em quando, escreve sonetos nostálgicos e evoca as velhas canções irlandesas, tão bonitas!...

Queria ser uma evadida...

Foi para Hollywood, em busca da aventura... Agora acha tudo banal, monótono, frio, a despeito da actividade febril, mas «vasia», que se nota por toda a parte. O dia é sempre igual ao da véspera e parecidíssimo com o seguinte.

— É uma terra onde o céu é sempre azul, sempre igual... Onde não há árvores em flor, nem folhas amareladas, a marcar a diferença entre a Primavera e o Outono. O sol brilha sempre. Que saudades da chuva, que cobre as pradarias da Irlanda com o seu manto verde. As Estações passam por aqui insensivelmente... Sob a «maquillage», envelhecemos sem dar por isso. E um belo dia, sem dar por tal, estamos velhas — sem ter vivido.

Tais são, agora, as amargas queixas de Maureen O'Sullivan!

Uma ideia única, obseca-a. Uma só ambição, domina-a — fugir!

Um espectáculo, que impressionou o público!

os públicos, embriagados de beleza e emoção profunda, a culminâncias de expressão jámais atingidas pelo génio humano.

Honra, pois, a Gustav Ucicky, o seu magistral realizador, por ter sabido erguer, num incêndio de génio, todos os reflexos de paixão, graça, heroísmo, martirio e espiritualismo duma das figuras mais transcendentes da história — *Joana d'Arc* — que nos surge, neste filme, divinizada, através duma criação de Angela Salloker, o maior fenómeno de interpretação de todos os tempos.

Vê-la é sentirmos, por muito tempo, o remorso da sua arte!



JOANA d'Arc apaixonou, de facto, o público cinéfilo. As lotações do Central Cinema, a elegante «boite» onde a gigantesca obra da Ufa se apresenta, esgotam-se todas as noites. É um sintoma que convém registar. Quanto mais não seja para assinalar o extraordinário interesse que o público está manifestando.

Joana d'Arc constitui, hoje, o tema de todas as conversas. Não se fala noutra coisa. Para o êxito ser ainda mais completo, desta vez o público e a crítica deram-se as mãos.

Por êsse motivo, está de parabéns a Sociedade Raúl Lopes Freire, L.^{da}, que esta época tem apresentado um admirável lote de filmes, entre os quais, além de *Joana d'Arc*, figuram, para estrear, a formidável maravilha *Crime e Castigo*, com Harry Baur e Pierre Blanchard; *Os dois Reis*, com

o colossal Emil Jannings, que reaparece, em nossas telas, numa criação que iguala as maiores por êle alcançadas nos tempos do cinema silencioso: *Boca Sonhadora*, um filme que o público tornará célebre, mercê do desempenho da êxcelsa vedeta Elizabeth Bergner e do estupendo actor Rudolph Forster.

Para quando, estas estreias?

Sabe-se lá! A carreira triunfal de *Joana d'Arc* promete eternizar-se... O público não cessa de encher o Central Cinema. Esplêndido sintoma é êsse, que revela bem a classe de espectáculo que todo o filme resume.

Na verdade, *Joana d'Arc* é, no seu género, um filme único, grandioso e sublime. A crítica elogiou, como devia, esta gigantesca super-produção da Ufa, opulenta de qualidades e densa de motivos para conduzir todos



Um dos filmes máximos da temporada



Como vejo o mundo



a coberto, na hora do azar — têm também a sua sátira, a sua crítica, no meu último filme.

Muito embora se não tenha ainda estreado, há uma cena já divulgada na Imprensa que define, até certo ponto, o espírito da obra: aquela em que eu, pobre operário perseguido pelas tropelias que pratico numa fábrica, salto para cima dum «camion», donde pende um pano vermelho, a que me agarro. Consigo trepar para o alto do veículo, levando insensivelmente o trapo salvador. O camion corre. O vento faz tremular nas minhas mãos o pano rubro. Passamos por uma fábrica, nas cercanias da qual se encontram os operários grevistas. Tomam-me por um agitador comunista. A coragem de desfaldar, em público, o pendão da revolta, electriza-os, elegem-me chefe.

No mundo é assim também, e o comunismo não passa dum trapo vermelho solto ao vento inconscientemente, por quem na fuga desordenada para o desconhecido, não agarrou outro a geito.

E muitos dos agitadores, dos terroristas — não passam de pobres diabos, empurrados pelos outros, ou pelos azares da sorte.

* * *

Vivo, assim, no mundo da tela, uma existência de contrastes: Prazeres só sonhados ou em segunda mão — pertencente a outros — que mos atiram aos pés, com a mesma indiferença com que se atira a um cão o osso que acabámos de esbrugar. Com a calma resignação dos pobres, aceito tudo!

Creio que personifiquei e defini, na tela, a filosofia dos desherdados da sorte.

O seu crime único é o de estarem privados da alegria das coisas terrenas e dos bens deste mundo. Não me affligem, nem me penugnam: às vezes rio-me deles — mas na maioria dos casos olho-os com respeito, com ternura, com admiração! São sublimes!

CHARLIE CHAPLIN.

O que evoca a maior parte da gente, quando lhe falam de mim?

Uma silhueta insignificante, patética, um tipo mal vestido, com um chapéu de côco amolgado, umas calças que mais parecem um saco, botas cambadas e uma bengalhinha pretenciosa.

Na verdade, esta bengala é um atributo importante da minha pessoa. Resume toda a minha filosofia. Tenho-a para mim como um emblema de respeitabilidade e com ela desafio a sorte e a alversidade.

Esse tipo medroso e esfomeado, que criei na tela, nunca é presa daqueles que o atormentam. Reparem bem! Eleva-se acima de todos os sofrimentos; vítima dos azares da sorte, recusa-se sempre a aceitar a derrota. Quando as suas esperanças, os seus sonhos e as suas aspirações se afundam na futilidade, no nada — êle limita-se a encolher os ombros e a fazer meia volta.

É curioso constatar este paradoxo: as maiores gargalhadas da tela foram arrancadas com esta máscara de tragédia. O que vem provar que o riso está bem perto das lágrimas, ou vice-versa.

O palhaço representa, às vezes, com a dor no coração. Pierrot só à luz da ribalta é um «clown». Entre bastidores é o mais triste dos homens.

* * *

Quando a mim, sinto-me impotente para resistir à sorte reservada aos cômicos.

Quis o destino que eu não conhecesse as alegrias dum lar feliz e tranqüilo — a companhia na vida, que fôsse uma mulher perfeita, a esposa ideal. Essa compensação não me deu a vida — e no casamento não meias medidas. Se a mulher não é aquilo que nós sonhámos — não é nada, para nós.

Uma vez que o amor — a felicidade duradoura e o lar (algo mais do que quatro paredes) me estão vedados, tenho que me contentar com aquilo que mais me encanta: o direito de me dedicar ao meu trabalho, de me revelar nos filmes, que são para mim uma espécie de poesia lírica.

Procuro definir nos meus filmes a poesia da vida, tal como eu a vejo, tal como eu a sinto. Procuro impregná-los também daquela filosofia amarga, que o sofrimento me ensinou.

* * *

Os críticos, por exemplo, poderão notar que eu nunca rio nas situações ridículas em que me encontro. Se tal succedesse, destruiria o efeito que procuro criar. Quero ser objecto

de apiedade simpatia na tela, seja qual for o ridiculo de que me cubra.

* * *

O tema das *Luzes da Cidade* — estão lembrados?! — resume-se na perseverança com que pretendo dar novamente a vista a uma pobre florista cega. Economizo o dinheiro preciso para uma operação — e alcanço o meu desejo.

Na cena final, a rapariga aguarda o bemeifeitor que nunca conheceu e desata a rir, quando vê um tipo exquisito, caricato, que desce a rua. O homenzinho ouve as suas gargalhadas, cumprimenta-a delicadamente, e prossegue o seu caminho, para o desconhecido.

Uma cruel desilusão foi a recompensa. A vida é assim.

* * *

Recordam-se daquela cena de *Charlot, nas Trincheiras*, em que sou o único a não receber carta da familia, uma linha sequer?! Espreito, então, por cima do ombro, dum camarada, que está a ler uma carta da mulher... Experimento uma enorme alegria ao saber que tudo corre bem lá por casa e riu-me com as graças dos miudos. Quando chego à altura em que se diz «que a vaca malhada de castanho morreu, depois duma longa semana de doença», desato a chorar com saudades... As minhas lágrimas caem no pescoço daquele a quem a cartaz diz respeito.

Colérico compreende então a manobra. Aplica-me uma tarefa, porque, diz êle, «não tenho, de facto, direito algum de tomar parte nas alegrias ou pesares dos outros».

* * *

No meu novo filme *Modern Times* pretendo satirizar, até certo ponto, certos aspectos da vida, certos problemas sociais de hoje. A luta do homem com a máquina aparece criticada e esboçada em várias cenas.

Mas os movimentos colectivos, as greves, as massas dirigidas por fantoches que se arvoram em chefes, e que se põem, depois,



Um artigo médico de Charlie Chaplin

RECEITAS DE BELEZA, AO ALCANCE DE TODAS AS BOLSAS

ficam desconsoladas ao verem, na cabeça de outras, um chapéuzinho igual ao que compraram, com tanto empulho...

Sejam lógicas, então! Não banalizemos a nossa face. Sejam estritamente pessoais. Não vão longe os dias em que todas as mulheres se empovam. As vezes, apareciam cabeças desastrosas. Vale mais ser nolada do que confundir-se nas massas. Reflictam, que vale a pena!

* * *

Adoptem uma «maquillage» própria, que convenha às linhas da vossa face, pregam os especialistas de Hollywood. Procurem os pequenos truques, capazes de dissimular os vossos defeitos. Por exemplo: estudem como devem pôr o «rouge», se tiverem a cara muito larga; não rapem as sobrancelhas se os olhos forem um pouco esbogalhados.

Há tantas cores de pó de arroz, de «rouge» e de «rimmel's», que se podem fazer combinações bonitas e agradáveis. Sejam audaciosas, por vezes, mas não em excesso. Sejam um bocadinho manhosas, também: riam muito, se tiverem dentes bonitos; ponham o cabelo para trás das orelhas, se elas derem na vista pela sua graça e beleza. É preciso tirar partido de tudo!

* * *

Não desprezem um único pormenor. Não basta que o «rouge» diga bem com a pele, e um e outra com os olhos ou com a boca. Não há «maquillages» definitivas. É preciso que a face esteja no tom do vestido... ou vice-versa.

O advento do filme a cores obrigou os técnicos a estudar o assunto, a encontrar as harmonias mais exquises. Willy Pogamy, célebre nos Estados Unidos, organizou até a «tabela do enmosto», onde se prevêm numerosos casos.

«Sejam loiras como os trigos. Procurem embranquecer a pele e vistam-se de verde esmeralda — serão notadas! «Se forem ruivas e tiverem uma tez bronzada, vistam-se de castanho! É uma modéstia, que vale por todas as audácias.

Eis algumas das combinações, aconselhadas por ele:

«Se tiver a pele branca-«doirada» e for loira, deverá vestir-se de azul pálido (doçura), de azul cobalto (distinção), de negro (discreto), violeta (grande toilette).

«Se for morena e tiver o cabelo castanho deverá preferir o «verde Nilo» (doçura), o castanho-claro (distinção), o castanho-escuro (discreto), o «beige» torrado (grande toilette).

«No caso de uma pele branca e cabelos ruivos, adaptar-se-á o marfim (doçura), «lête-nêgre» (distinção), negro (discreto), branco (grande toilette).

Mas não tomem isto à letra. São indicações apenas. As mulheres têm, dia a dia, mil e um problemas a resolver.

Vamos! Façam tentativas, ensaios. Experimentem mudar de penteado, afilar as sobrancelhas. Tenham o maior cuidado com a pele e escolham, com cuidado, o pó de arroz.

Nunca se sentirão desconsoladas, «vencidas», desde que usem qualquer coisa de novo, e desde que, todas as manhãs, o espelho vos revele uma face sempre transformada — e nunca banal.

MARY ROSYER



QUALQUER pessoa é capaz de se pintar. Mas pintar-se bem — é um pouco mais difícil. Se para uma vedeta a «maquillage» tem interesse, para nós, que o não somos, reveste-se duma importância capital. Em primeiro lugar — sejamos modestas! — porque a Natureza não foi connosco tão generosa como com elas; em segundo, porque sujeitamo-nos a olhares muito menos condescendentes do que o da câmara.

Acham que os homens, quando nos olham, o fazem através de óculos cor de rosa?!

Podíamos buscar o modelo da «maquillage» das vedetas, quando passeiam longe dos olhares da câmara. Mas parece-lhes bonita a pintura de Marlène, em casos semelhantes, que se limita a embranquecer a face o mais que pode e a tornar os lábios sangrentos?! E o modelo-Greta Garbo, face queimada pelo sol, lábios descorados, ausência absoluta de produtos de beleza na sua face, salvo nos olhos, que prolonga com um pouco de «batons»?

É melhor fugir dos exageros, mas não cairmos também na banalidade. A América decretou agora novas leis sobre a maléria. E o princípio geral a que obedecem é este: «sejamos, acima de tudo, originais».

Já repararam, por certo, no carro eléctrico, que a vizinha da direita, duas vezes mais idosa, tem, tal e qual, a mesma pintura do que vós? E que a menina que vai sentada em frente segue o modelo que adoptaram, muito embora seja loira e o mesmo só convenha às morenas! E suponho que todas as que me lêem são daquelas que

A Arte de ser Bela



«Dignidade, acima de tudo!» Tal era a inflexível divisa de R. De Spear, fundador e director dos Grandes Armazens Spear. E, em casa, repetia, a cada instante, a fórmula que resumia todas as tradições da família: «cultura, linha e dignidade».

E John, o seu filho mais velho, seguia, passo a passo, a senda de rectidão traçada pelos antepassados.

Por tudo isto, a maioria admirava-se como R. D. Spear pudera, desde os bancos da escola, tornar-se o amigo fraternal do «maduro» do Spiggins Spiggins, dum irrequieto atrevido, incapaz de tomar as coisas a sério, trocando permanentemente dos seus sábios conselhos, e dum comodismo de tal ordem que preferiu, a todos os outros, o lugar de porteiro — para poder não fazer nada.

Só uma coisa contrariava vivamente «Spiggs»... John Spear, o modelo dos filhos, o exemplo das virtudes comerciais, pedira a mão de Josefina Spiggs, uma rapariga encantadora, ansiosa por viver a vida a seu bel prazer. E Spiggins lamentava a pobre rapariga, que ia viver toda a vida ao lado daquele moço, triste companheiro.

E John começou logo nos primeiros dias por implicar com o *chewing-gum*.

— É horrroso vêr-te todo o dia a mascar! Além disso, não é digno! Dá-me esta alegria: renuncia a esse vício.

E Jo, com um débil suspiro, dominada pela autoridade do futuro esposo e pelo prestígio dos Spears, consentiu.

* * *

Um belo dia, um telegrama pôs em reboliço a mansão da ordem e da dignidade...

Tony, o filho mais novo, o «enfant terrible» daquele lar, e que partira, a bordo da *Vagabunda*, para dar a volta ao mundo — regressava.

Tony! Era um lindo rapaz, forte e vivo. Não parecia descendente dos Spears. Devia parecer-se com sua mãe, que tivera a fantasia de morrer nova — de aborrecimento, talvez. Não havia forma de o obrigar a estar quieto, durante cinco minutos. Ria, cantava — pintava a manta, só ou acompanhado... Jo acolheu a notícia louca de alegria. Até que enfim, que o sol deponhava de novo...

Mas John, sempre zeloso do prestígio da casa de seus ordens severas ao chefe do pessoal:

— Logo que Tony por aí aparecer, despachem-no para longe. É preciso que ninguém o veja. Nos armazéns, sobretudo. Discreção e tacto, acima de tudo.

Mas todas as precauções foram inúteis. Tony fez uma entrada sensacional nos grandes Armazens Spear.

Envergando ainda o fato de bordo, grande camisola de marítimo, gargalhadas sonoras, palmadas nas costas, abraçou seu pai e seu irmão, com explosões de entusiasmo.

— Apre! Há dois anos que não nos



viamos!... E Jo!... Ela aí vem!... Mais bonita do que nunca.

E abraçou-a com fúria, com um entusiasmo que John achou excessivo, e Spiggs acolheu com um sorriso significativo.

É que ele era de opinião de que já que Jo tinha que se tornar Mr. Spear, mais valia casar com Tony do que com o bisonho do irmão.

* * *

Depressa Jo e Tony descobriram que continuavam a ter gostos semelhantes. Mascavam ainda o «chewing-gum», preferiam o circo à ópera, e a alegria à dignidade.

Um dia, John quis levar Jo ao concerto dum cantor italiano. Mas Tony manobrou as coisas de tal forma, que acabou por ir com a rapariga para os palhaços.

No dia seguinte ao desta «escapade», John, aflitíssimo, censurou, com tom solene, o seu irmão mais novo:

— Tony, quero dizer-te que tençio casar com miss Spiggins.

— Parabéns, respondeu Tony divertido com o discurso do irmão. E o casamento?! É para breve?

— Depois da minha viagem. Daqui a um ano. E a propósito: quero pedir-te um favor: Jo é uma rapariga encantadora, mas tão agorotada como lu. Não toma nada a sério. Tem grandes qualidades: é trabalhadora e inteligente. Mas peço-te que lhe metas na cabeça os princípios que distinguem a nossa família: «cultura, educação e dignidade». Se assim fizeres, poder-me-ei casar, logo que volte.



Tony, assombrado, esboce quasi a dizer ao irmão que não tinha envergadura para semelhante tarefa educadora. Mas acabou a ideia tão cómica, que nem sequer esteve com objecções.

E John partiu, absolutamente tranqüilo...

* * *

Tony portou-se como um irmão leal. Levou a dócil Jo a «soirées mundanas, com cantoras amadoras a bramar pelas Walkírias. Ouviram, lado a lado, as mais graves conferências. E Jo foi a primeira a faltar-se dessa vida indigesta que levavam. O seu espirito pairava sobre a *Vagabunda*, sempre ancorada. Imaginava novos cruzeiros, pedia a Tony que lhe contasse impressões dos precedentes. Este fazia esforços titânicos para se mostrar um rapazinho sensato e cumprir a promessa feita ao irmão.

* * *

Spiggs estava encantado com a ausência do noivo. O seu favorito não tinha dificuldades em ganhar terreno, no coração de Jo. Quando John viesse, quem sabe lá se os dois já estariam casados.

Mas Tony não se declarava. Passou a não querer saber de «dignidades, educações, etc.» e passou a frequentar com Jo todos os recintos de diversões. Mas entre um e outro — o amor não se mesclava.

Entretanto, Jo pensava com desgosto na vida de John. Com Tony, sabia, reava, dia a dia, a satisfação de ser independente, de não estar constrangida, de não se vergar a preconceitos bafientos ou convenções sociais, que incomodam. E não se sentia com forças para viver ao lado de John, um tirano cheio de qualidades, «educação, linha e dignidade».

Spiggs resolveu-se a tirar o caso a limpo. Foi sondar Tony.

— Meu rapaz! Como sabes, fomos sempre um par de colchetes. Defendi-te sempre contra tudo e contra todos e chegou agora a ocasião de me pagares todos esses favores: Casa com a minha filha.

— Mas... então?!... Ela não está noiva de John?

— «Noiva»?!... Ainda estão a tempo. De resto tu sabes, tão bem como eu, que John não é marido para ela. É incapaz de a fazer feliz... Só tu...

Tony, jogando ao «golf», no escritório, com uma bengala e uma bola de papel, objectou:

— Tem paciência!... Não nasci para casar. Fujo de todas as responsabilidades. F essa é tremenda. Acredita, Spiggs! Gosto tanto, tanto da Jo — que não me atrevo a casar com ela!

A chegada da rapariga pôs ponto, na conversa:

— Então, Tony! Esquecias-te do curso de mergulhos?

* * *

Em Biltmore, onde se efectuava o campeonato de saltos, Jo descobriu atterrada, alguns companheiros de boémia, com as suas pouco simpáticas

LEITÃO DE BARROS

(Conclusão da pág. 4)

ros que me forçou a escrever esta crónica que também exige — com a mesma intenção honrosa — do indiscutível futuro agradado com o «Prémio da Acção» de S. P. N. a filmagem da «Rapsódia Portuguesa».

* * *

Nós, os cinéfilos, somos impossíveis. Ainda Leitão de Barros não acabou o documentário sobre a pesca de sardinha para o Consórcio Português de Conservas de Peixe e a pesar de ter planeado conscienciosamente o *Bocage*, já estamos e *exigir-lhe* que filme a «Rapsódia Portuguesa»!!!
Safa! Não há direito; é demais!

TELMO FELGUEIRAS

Carta do Porto

(Conclusão da pág. 4)

intitulado «Cinema», que, embora não fosse publicado periodicamente, era sempre distribuído profusa e gratuitamente, em todos os salões e lugares públicos.

As comemorações dos aniversários da associação, compreendiam sempre três a quatro dias de festas, que serviam para uma intensa propagação da arte e dos seus cultores.

Os associados desta agremiação além de várias vantagens e distrações proporcionadas na sua sede, tinham ainda entrada grátis em alguns cinemas, em determinados dias da semana e numa proporção de duas entradas por mês.

Tudo isto foi conseguido mercê duma força de vontade sem limites, duma tenacidade admirável, e o facto é que durante três ou quatro anos a Associação dos Amigos do Cinema manifestou uma vitalidade digna de registo, servida pelo admirável *elan* dos seus fundadores.

Recordar...

Relembrar à geração actual os nomes daqueles que souberam organizar esse padrão, que marcou uma etapa interessante da vida cinematográfica do Porto, é apresentar-lhe um exemplo que deve ser seguido, uma obra que deve renascer, uma iniciativa que deve ser continuada.

Foram estes os sócios fundadores da Associação dos Amigos do Cinema: Adalberto José de Menezes Leitão, (operador cinematográfico), Roberto de Magalhães Lino, (jornalista), António Parada Júnior (empregado comercial), Alberto Armando Pereira (jornalista), Gasão Ferreira Fragateiro (comerciante), Alberto Leite (arquitecto), Carlos Moreira (jornalista), João Pereira Malheiro (empregado comercial), Abel Pereira de Azevedo (jornalista), António José Rodrigues (comerciante), Luiz F. Romariz (funcionário municipal), Júlio Lourenço Pinto (comerciante), Melchior Antas Leite (industrial), Artur Armando Pereira (secretário cinematográfico), Pedro Santos (operador cinematográfico), António Fernandes (comerciante), José dos Santos Carneiro (estudante), Mário Antas Leite (industrial), Alfredo Alves de Almeida (comerciante) e Henrique de Moraes Andrade (funcionário judicial).

CARLOS MOREIRA

OS PRODUTOS DE BELEZA

Rainha da Beleza
de M.^{me} Campos

Embelezam
Rejuvenescem
Eternizam a Mocidade
AVENIDA DA LIBERDADE, 35 — LISBOA

tre mim e ela, já sabes o que tens a fazer: atira-me pela borda fora!

— Pela borda fora!... repetiu o marinheiro, assombrado. Está bem! Se é uma ordem...

Nessa mesma noite o marinheiro embriagou-se com Spiggs e Tony teve zozinho que governar o barco. A tempestade estalou. Jo foi uma preciosa auxiliar. E de manhã, esgotados, caíram nos braços um do outro, e trocaram o seu primeiro beijo de amor. Jo afastou-se e o marinheiro, que viria a cena, não esteve com meias medidas — aliou Tony pela borda fora...

De manhã, Jo inquiriu do paradeiro do seu novo noivo. E o marinheiro explicou:

— Desembarcar... Ele nunca gostou de ter mulheres a bordo! Lá tem as suas razões.

Desolada Jo, julgou-se repudiada pelo homem que amava. E uma vez mais resolveu aceitar a mão de John.

* * *

O palacete estava em festa. Tudo se encontrava a postos para a cerimónia.

John não pôde deixar de acolher a noiva com o sobrececho carregado. Inconscientemente, Jo mascava uma pastilha de «chewing-gum».

— Então, Amor? Terei ainda de te dizer muitas vezes, que detesto essa mania?! É demais!!

— Tens razão, murmurou ela, atirando para longe o saquinho de bonbons que Tony lhe dera...

Spiggs não estava desprevenido. Jo, em grande «toilette», com o seu véu de noiva, descia a escada, imponente, entre alas de convidados, até o altar, florido, onde a sua união com John Spears ia ser abençoada. Spiggs ofereceu-lhe um pacote de pastilhas. Maquinalmente, com o pensamento longe de tudo aquilo que a rodeava, pegou numa e começou a mascar.

E John, assombrado, viu avançar uma noiva, resplandecente, que mascava ainda «chewing-gum», não obstante as ordens que dera, em contrário.

Com um olhar, fulminou a noiva. Encheu-a de censuras, em voz baixa, enquanto o padre iniciava as cerimónias do ritual.

Subitamente, uma voz forte, bem conhecida de todos, impôs silêncio ao celebrante:

— Alô!... John! Já pensaste bem no caso?

Tony corria, ofegante. Os convidados olhavam-no, estupefactos!

— John! Olha a tua noiva! Podes casar com uma mulher que até à morte gostará de mascar pastilhas de «chewing-gum»? Já pensaste nos teus antepassados? Olha que ela vai transmitir o vício aos filhos! Pensa nos Spears, passados e futuros! Não! Não! Não! Tu não podes casar com ela!

— Dignidade, acima de tudo!

— Ou sorria. John, confuso, colérico e inquieto, não sabia o que fazer:

— É claro... Sim... Não... Não posso!

— Era isso mesmo que eu queria ouvir — gritou Tony, com entusiasmo.

E antes que os espectadores desta cena pudessem compreender o que se passava, viram Tony tomar Jo, a linda noiva, nos braços, e fugir com ela...

Num pórtico qualquer, no primeiro de escala, legalizaram o amor, que os unia, desde pequenos...

E, na *Vagabunda*, sobre as águas tranquilas, tendo por horizonte as águas infinitas e um céu azul, estrelado — trocaram um beijo ardente, o «happy-end» de tão movimentadas aventuras.

espôsas. Tudo isto não a divertia, já. E o prazer que Tony experimentava nesta sociedade falsa e fútil — descolavam-na!

— Viu os mergulhos! perguntou-lhe intencionalmente uma das mulheres. Aposo que V. não é capaz de fazer o mesmo.

Toldado, pelos vapores do álcool, Tony levantou-se, galgou, um a um, os degraus da prancha. O público desatou a rir ao ver aquele «gentleman» de casaça, que se alivava para a piscina e se divertia a ver se tancava à água, duas mulheres, com decotes um pouco usados...

Jo, pálida de vergonha e de desgosto, fugiu...

Quando Tony a quis alcançar, pôde detectives agarraram-no. Socou-os violentamente. Mas acabou por ser dominado. E dormiu uma noite no calabouço, acusado de bebedeira e de provocar desordens.

John devia chegar ao dia seguinte. A aventura daquela noite levou Jo a desejar um marido ajuizado, incapaz de tais excentricidades. E lamentou-se intimamente de se ter enfadado com as qualidades do irmão mais velho, e passou a odiar as loucuras do mais novo...

* * *

Quando John regressou, pôde abraçar uma noiva digna! R. D. Spear exultava. Spiggs não escondia o seu desgosto.

Tony, que nunca mais se lembrara do incidente da véspera, ao saber da resolução de Jo, explodiu:

— Ah! Sim!! Está, de facto, calhados um para o outro! Não perpetua à maravilha as tradições dos Spear! Mas não contem comigo, para assistir ao casamento! Estou farto de vocês todos! Volto para o meu barco.

Jo estava convencida de que a sua resolução era inabalável e aguardava, sem desgosto, o seu próximo casamento, com se deveria realizar em Westport.

Mas Spiggs preparava aos Spears e à filha uma surpresa de truz. Resolveu embelhar-se de tal forma, no dia do casamento, que a filha não teria outro remédio senão adia-lo... E para que tudo corresse com mais complicações, foi ter com Tony, que estava prestes a largar.

Jo, apavorada, veio buscar o pai. Acusou Tony de o haver embriagado, para impedir o casamento. Exasperado, o rapaz gritou:

— Que interesse tinha eu nisso. Eu próprio a levei a Westport! Podia lá deixar de realizar-se tão auspicioso enlace!

E fêz-se com rumo à imponente moradia, onde a cerimónia se devia celebrar.

Ao ajudante, comunicou, sem ódios, o seu ciúme e a sua necessidade de fugir.

Esta rapariga é um autêntico veneno! É uma cadela... Se alguma vez me vires fraquejar... Sim, enfim, se notares qualquer coisa de anormal em-

CINE-JORNAL

GRANDE SEMANÁRIO CINEMATOGRAFICO

Director: FERNANDO FRAGOSO
Editor: ALVARO MENDES SIMÕES

Propriedade da Editora Lda (em organização)
Redacção e Administração: T. da Condesa do Rio, 27
Telefone 2 1268 e 2 1227

Comp. Impressão e gravuras BERTRAND (firmas), Lda
Trav. da Condesa do Rio 27 — Lisboa

ASSINATURAS (pagamento adiantado)
PORTUGAL

32 números 1 ano 48\$00
25 6 meses 24\$30
12 3 meses 12\$00
Estrangeiro e Colónias, 52 num. 1 ano... 65\$00

As composições gráficas das páginas desta revista são de RAUL FARIA DA FONSECA

STADIUM

A melhor revista da especialidade que se publica em Portugal

STADIUM
informa todas as quartas-feiras os seus numerosos leitores de todo o movimento desportivo do País

16 PAGINAS, CHEIAS DE OPTIMAS E FLAGRANTES GRAVURAS
ESCUDOS 1\$00

Visado pela Comissão de Censura

meio com o nosso variadíssimo folclore, poética e musicalmente rico. As danças — desde os *pauliteiros à chula*, do *malhão ao verde-gaio*, do *vira ao fandango* — e os *pregões* — desde a *viva da costa* ao *quem quer figos*, *quem quer almoçar*, do *fava rica* arrastado ao *musal musical morangos! são de Sintra*, *a dez mil réis é o quilo!* — ocupavam igualmente papel primordial, mas as *cantigas ao desafio* também se aproveitariam, pois eram mais uma nota original a juntar às muitas do conjunto feliz de ideias que vos acabo de expôr.

A voz de Fernanda de Castro seria gravada ao acompanhamento-explicativo de tudo que se fôsse passando na tela e esse texto-explicativo estava para ser escrito por António Ferro com as suas tão características palavras-bai-larinhas — de tanto nos ficarem a dançar no pensamento —, com as suas imagens-acrobatas — por tam longe estarem da regra vulgar dos escritos, que as palavras que as traduzem parecem junta-rem-se por acrobacia.

Não estava ainda assente se seria o Ministério dos Negócios Estrangeiros ou as Casas de Portugal quem pagariam a película.

O custo dos 900 metros de fita que constituiriam a «Rapsódia Portuguesa» não podia ser superior a 100 contos, o que era muito pouco; foi talvez mesmo devido a esta razão, que todos os projectos se goraram.

Para mais a Tobis queria cinco contos diários pelo aluguer dos camions de tomadas de som.

A empresa «Pathé-Natan» chegou a entregar uma proposta à Casa de Portugal em Paris, pela qual se comprometia a realizar o filme por cem mil francos (130 contos), ficando os lucros da exploração comercial a meias. É claro que esta proposta não foi aceite.

A realização, segundo o projecto primitivo, ficava a cargo de Leitão de Barros, que chegou a filmar vários aspectos das festas de S. João em Braga e alguns interiores em Évora.

Todas estas novidades-antigas têm, para um país pobre em cinema, o valor de novidades da última hora e portanto são recebidas em alvorôgo sempre que aparecem.

Mas não foi esta a razão que me levou a escrevê-las.

O motivo foi outro.

Há dias, quando fiz com António Ferro aquela entrevista com novidades sensacionais, perguntei-lhe se o Secretariado da Propaganda Nacional não se interessava pela realização da «Rapsódia Portuguesa». Respondeu-me que não, pois este filme tinha como principal característica o turismo. E acrescentou: «Leitão de Barros já o devia ter filmado».

Foi esta exigência de António Ferro ao valor e actividade de Leitão de Bar-

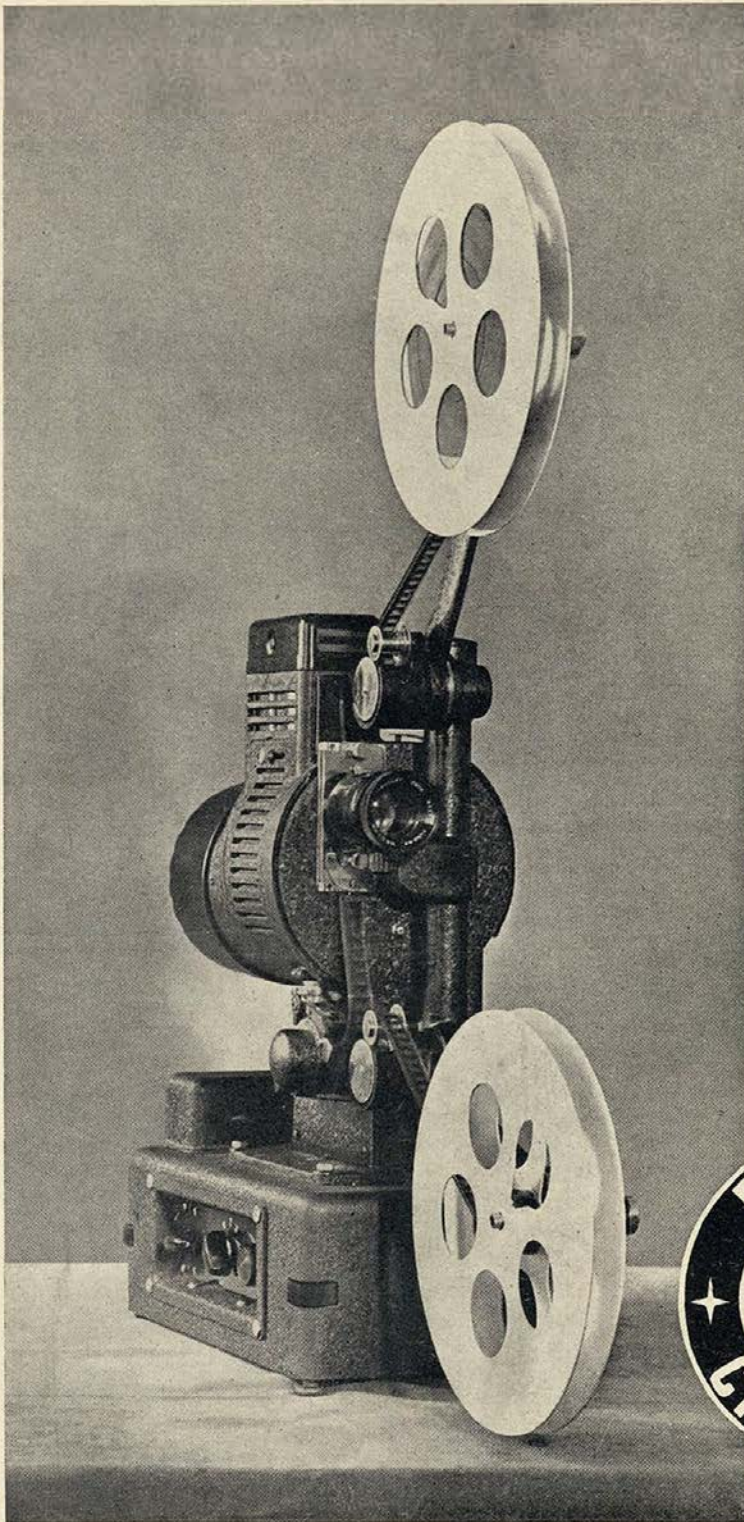
FÊMINA

A GRANDE REVISTA FEMININA PORTUGUESA

Apresenta todas as sextas-feiras os mais recentes modêlos de vestidos e de chapéus, tratando sempre de todos os assuntos que interessam às senhoras.

A VENDA EM TODO O PAÍS

21 páginas com muitas gravuras a cores
Capa a cores — Esc. 1\$50



*Equipamentos
para
reprodução
de
filmes sonoros
de 16^{m/m}
aconselhados
para
Escolas,
Sociedades
particulares,
Hotéis
e
Amadores de
cinema.*

•••

**Sociedade Comercial
Philips Portuguesa**

**Av. da Liberdade, 3-1.º
LISBOA**



CINE-JORNAL

ANO 1.º — N.º 7 — 2 DE DEZEMBRO DE 1935 — SAI TODAS AS SEGUNDA-FEIRAS — 16 PÁGINAS — PREÇO 1\$00



ATÉ O FIM DO ANO: O Bonus de um mês de graça, aos novos assinantes que se inscreverem